



HISTÓRIA ORAL E FERRAMENTAS DIGITAIS: NOVAS POSSIBILIDADES NO TRABALHO COM A ORALIDADE

Oral History and digital tools: new possibilities in working with orality

Pedro Henrique Victorasso^a

 <https://orcid.org/0000-0002-8154-3378>
E-mail: ph.victorasso@unesp.br

Eduardo Romero de Oliveira^b

 <https://orcid.org/0000-0002-1287-4798>
E-mail: eduardo.romero@unesp.br

^{a,b} Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis,
Departamento de História, Assis, SP, Brasil.

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade investigar o que avançou no debate sobre a história oral entre os anos 2000 e 2020 em produções acadêmicas (artigos) na base de dados Google Scholar relacionadas principalmente às questões metodológicas. Para tanto, entendemos que o uso de uma ferramenta de análise bibliométrica seria mais adequada para essa investigação, assim, optamos por realizar uma pesquisa a partir do software Harzing's Publish ou Perish, um programa que recupera e analisa citações acadêmicas. Por fim, buscamos compreender o quanto o uso da ferramenta digital Nvivo pode impactar no trabalho com fontes orais e se esse uso pode trazer novas questões para a pesquisa da história oral. Nesse sentido, refletimos sobre as potencialidades no uso de novas tecnologias como uma possibilidade de avançarmos o debate sobre as narrativas sociais a partir do passado.

PALAVRAS-CHAVE

História Oral. Software. Nvivo.

ABSTRACT

This paper aims to investigate what has advanced in the debate on the oral history between 2000 and 2020 in literary productions (scientific papers) in the Google Scholar database related mainly to methodological issues. Therefore, we believe that using a bibliometric analysis tool would be more suitable for this investigation. Therefore, we chose to conduct research using the program Harzing's Publish or Perish, a program that retrieves and analyzes academic citations. Finally, we seek to understand how the use of the digital tool Nvivo can impact the work with oral sources and if this can bring new questions to the research of oral history. Thus, we reflect on the potential of Digital Humanities as a possibility to advance the debate on social narratives from the past.

KEYWORDS

Oral History. Software. Nvivo.



Para a historiografia brasileira, falar sobre fontes orais não é, necessariamente, algo inédito, hoje em dia é quase um consenso entre os historiadores de que, pelo menos há duas décadas, a história oral encontra-se consolidada, tanto na academia quanto nas instituições. Contudo, nos interessa compreender se no período entre 2000 e 2020 os debates sobre a pesquisa a partir da oralidade estagnaram ou avançaram.

Primeiramente, é importante entender que a história oral percorreu um caminho para chegar ao estágio de maturidade acadêmica e institucional. De acordo com Philippe Joutard, com exceção da história africana que se constituiu a partir da oralidade, desde o século XVII, momento em que a História se estabeleceu científicamente, houve um olhar crítico quanto à tradição oral (Joutard, 2006, p. 43-44).

Posteriormente, o século XIX foi marcado pelo predomínio da história “positivista” e pela supervalorização do documento escrito. Sendo assim, Verena Alberti destaca que o trabalho de colher depoimentos estava relegado a segundo plano, pois os historiadores entendiam que o conteúdo era carregado de subjetividade, desta forma, apresentava “uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória” (Alberti, 2013, p. 25).

Assim, quando a fonte oral passou a ser mais utilizada a partir da segunda metade do século XX, a historiografia ocidental, carregada dessa herança da disciplina, ainda relutou em aceitá-la com o status de fonte histórica, sobretudo em países de forte tradição escrita. Nesse sentido, os historiadores que trabalhavam com a oralidade organizavam-se em grupos e instituições, fortalecendo assim, o debate sobre essa tipologia de fonte de pesquisa. Sobre esse contexto, Joutard (2006, p. 43-44) afirma que “os adeptos da história oral não raro ficam à margem da história acadêmica, constituindo grupos particulares com suas próprias instituições, sociedades, revistas e seminários”.

Segundo Joutard (2006, p. 44-45), a partir de meados do século XX podemos identificar duas correntes dedicadas à história oral, a primeira, mais próxima das ciências políticas, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos na década de 1950, voltada para as elites e os notáveis, a outra, mais antropológica, foi idealizada sobretudo entre historiadores italianos e ingleses em fins dos anos 1960, estava interessada nas consideradas “populações sem história”. Vale ressaltar que, esta segunda corrente avançou o debate sobre a história oral ao reconhecer como sujeitos históricos os iletrados, valorizar os vencidos, os marginais e as diversas minorias, operários, negros e mulheres.

Mesmo com avanços supracitados, Ângela de Castro Gomes aponta que a rigidez e longa tradição da disciplina ainda prevaleciam e os depoimentos orais produzidos pelo pesquisador, devido a sua subjetividade ser mais perceptível, eram vistos como documentos pouco confiáveis. Além disso, a autora afirma que até meados dos anos 1970 havia uma forte desconfiança sob os historiadores que analisaram o “tempo presente” em seus trabalhos, pois, os acontecimentos recentes deviam “ficar a cargo dos cientistas sociais que não precisariam de distanciamento temporal para fazer suas análises” (Gomes, 2020, p. 182-183).

Assim como nos Estados Unidos e na Europa, na América Latina observou-se igualmente o desenvolvimento das duas correntes da história oral (história política e antropologia) apresentadas por Joutard anteriormente. Desta forma:

Em 1975 criou-se na Fundação Getúlio Vargas o primeiro programa de história oral destinado a colher depoimentos dos líderes políticos desde 1920. Em Costa Rica, de 1976 a 1978, a Escola de Planejamento e Promoção Social da Unidade Nacional organizou o primeiro concurso nacional de autobiografias de camponeses (Joutard, 2006, p. 47).

Estes exemplos nos permitem entender que na América Latina a difusão da história oral também gerou um engajamento de grupos de pesquisadores que se empenharam em estruturar a metodologia, as técnicas de entrevista e os programas de história oral. Desta forma, Joutard (2006, p. 50-51) afirma que nos anos 1990 esse movimento latino-americano potencializou o debate ao valorizar a subjetividade, abordando temas como o mundo do trabalho, os fenômenos migratórios, a problemática dos gêneros e a construção das identidades.

A partir dos anos 1990, um número crescente de instituições produziu e conservou acervos de fontes orais, disponibilizando-os à consulta pública (Gomes, 2020, p. 7). Nesse contexto, o chamado “movimento da história oral”, ampliou-se consideravelmente tanto no Brasil como no exterior, e em abril de 1994 foi fundada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO). No âmbito internacional, em 1996, foi fundada em Gotemburgo (Suécia) a International Oral History Association (Ioha) que contou com expressiva participação de pesquisadores brasileiros (Alberti, 2013, p. 28).

Embora a introdução da história oral no Brasil date dos anos 1970, somente no início dos anos 1990 ela experimentou uma expansão mais significativa, como a já citada criação da ABHO que avançou o debate em relação a questões metodológicas, tradição oral e etnicidade, instituições, elites e militares, gênero, trabalho e trabalhadores, e constituição de acervos (Amado; Ferreira, 2006, p. IX). Vale apontar que esta mesma associação é responsável pelos encontros nacionais e regionais que proporcionam uma constante troca de experiências e de reflexões entre os investigadores da área (Alberti, 2013, p. 14).

Logo, a história oral saiu de uma posição marginal na qual era questionada por seu valor como produtora de fontes, para após da década de 1990, ser reconhecida por diversas instituições de ensino e pesquisa, responsáveis por “uma situação de grande compartilhamento e reconhecimento entre historiadores e cientistas sociais, para ficar apenas na grande área de conhecimento das Ciências Humanas” (Gomes, 2020, p. 182). Amado e Ferreira (2006, p. XVIII) ainda destacam que esse reconhecimento levou a história oral a integrar currículos e experiências de muitas comunidades e grupos sociais.

Portanto, após anos de militância do movimento pela história oral, este encontrou uma estabilidade na década de 1990. Desta maneira, compreendemos que a fonte oral trouxe para o debate historiográfico temáticas importantes que resultaram em avanços significativos nas análises das narrativas sociais. Todavia, nosso questionamento se dá a partir daí, ou seja, o que avançou desde então (2000-2020) para o debate historiográfico?

Sendo assim, este texto tem por objetivo investigar os avanços no trabalho com a história oral no Brasil nas últimas décadas em produções acadêmicas (artigos) relacionadas principalmente às questões metodológicas. Vale ressaltar que, embora existam diferentes formas de publicação de trabalhos acadêmicos (anais, teses, dissertações, livros), nossa escolha por periódicos se deu pelo fato de revistas acadêmicas estabelecerem como critério a avaliação pelos pares, instituindo assim, um filtro mais rigoroso em relação a essas obras.

Para tanto, realizamos um balanço bibliográfico mostrando o que avançou na discussão e o que se estabilizou a partir da base de dados do *Google Scholar*. Os resultados dessa primeira etapa da investigação nos conduziram a pensarmos quais foram os avanços e quais são os desafios relacionados às técnicas de entrevistas nas últimas décadas.

Tendo em vista que no recorte temporal proposto para a nossa investigação houve uma acelerada evolução das tecnologias da informação e da comunicação, cabe-nos em um segundo momento discutir o quanto o uso de ferramentas digitais pode impactar no trabalho com a oralidade e se esse uso pode mudar a natureza da história oral.

Por último, na terceira seção, iremos refletir sobre as potencialidades do uso do software Nvivo para análise de fontes orais como forma de avançarmos o debate sobre as narrativas sociais sobre o passado.

QUAIS FORAM OS AVANÇOS RECENTES NA HISTÓRIA ORAL?

Para responder essa questão, entendemos que o uso de uma ferramenta de análise bibliométrica seria mais adequada para essa investigação, pois, de acordo com Antonio Brasil Jr. e Lucas Carvalho essas categorias de ferramentas “foram criadas para as chamadas *hard sciences*, nas quais o artigo científico é o principal produto da atividade científica” (Brasil Jr.; Carvalho, 2020, p. 157).

Sendo assim, optamos por realizar uma pesquisa bibliométrica a partir do programa *Harzing's Publish ou Perish*, um software que recupera e analisa citações acadêmicas. Ele usa uma variedade de fontes de dados para obter as citações brutas, analisa-as e apresenta uma variedade de métricas de citação, incluindo o número de artigos, o total de citações e o índice h (Harzing, 2021). Entre as opções de filtros disponíveis, escolhemos buscar trabalhos publicados entre 2000 e 2020. Em determinadas buscas, adicionamos o filtro de palavras-chave ou o nome do autor e a obra específica. Após os procedimentos citados, os resultados disponíveis na tela foram salvos em formato csv., o que possibilitou abrir o arquivo através do *Microsoft Excel* para gerarmos as tabelas que possibilitaram a análise a seguir.

Desta forma, na primeira busca realizada com a palavra-chave “história oral”¹ em trabalhos publicados entre os anos de 2000 e 2020 (tabela 1) mantivemos todos os tipos de publicações para entendermos de forma geral o que mais tem sido citado no assunto.

Tabela 1 – “História oral” entre 2000 e 2020

Citações	Autor	Título	Ano
2710	V Alberti	Manual de história oral	2018
1209	V Alberti	Ouvir contar: textos em história oral	2004
1205	JA; M de Moraes Ferreira	Usos e abusos da história oral	2015
953	LAN Delgado	História oral-memória, tempo, identidades	2017
593	SM de Freitas	História oral: possibilidades e procedimentos	2006
354	MM Ferreira	História, tempo presente e história oral	2002
343	A Portelli	Ensaios de história oral	2010
284	A Portelli, DR Fenelon	História oral como gênero	2001
240	MM Ferreira, TM Fernandes, V Alberti	História oral: desafios para o século XXI	2000
208	LAN Delgado	História oral e narrativa: tempo, memória e identidades	2003

Fonte: Levantamento realizado pelo autor no *Google Scholar*.

Na tabela 1 podemos observar que entre as dez obras mais citadas nas duas últimas décadas destacam-se os manuais de história oral, bibliografia reconhecida por seu sucesso editorial. Nesta listagem, os artigos publicados em periódicos mais citados (em números menos expressivos) são dos autores Marieta Moraes Ferreira e Alessandro Portelli, no qual, ambos se debruçam sobre questões ligadas à História e Memória.

¹ Na pesquisa com a palavra-chave “oralidade” os resultados apontam para obras com diferentes enfoques que não tem uma relação direta com a história oral.

De acordo com Alberti, os manuais têm como finalidade ensinar “como fazer” algo, ou seja, apresentam possibilidades de procedimentos para aplicações práticas. “Nesse sentido, ele tem um valor eminentemente instrumental, como uma obra de referência, que auxilia, orienta, mas está situada em um espaço adjacente àquele em que se desenvolve o trabalho propriamente dito” (Alberti, 2013, p. 23). Assim, um primeiro indicativo nos mostra que entre os anos 2000 e 2020 um número considerável de autores se apropriaram do termo “história oral”, sobretudo, para citarem questões ligadas à metodologia, ou seja, sobre como realizar uma pesquisa a partir da oralidade.

A obra mais citada, *Manual de História Oral*, de Verena Alberti, foi produzida para auxiliar pesquisadores e estudiosos das diversas áreas das ciências humanas sobre os procedimentos da história oral. Este livro foi publicado pela primeira vez em 1990 e em 2021 teve sua 3^a reimpressão da 3^a edição revista e atualizada. A autora destaca que este trabalho é resultado das práticas da equipe do Programa de História Oral do CPDOC, assim como da constante troca de experiências e conhecimento nos encontros da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da Associação Internacional de História Oral (Ioha), entre outros (Alberti, 2013, p. 12).

Vale ressaltar que os diversos manuais de história oral publicados nas últimas décadas, em sua maioria por pesquisadores ligados ao CPDOC, têm sua finalidade delimitada e importância reconhecida, principalmente quanto à metodologia e sua instrumentalização.

Essas obras continuam sendo um sucesso editorial e têm se atualizado frente a questões contemporâneas; porém, buscamos compreender quais foram os avanços nas análises das narrativas sociais e quais foram os usos e apropriações dos manuais de história oral. Quem leu e se apropriou dos manuais produzidos pelos pesquisadores no contexto de difusão da história oral? Essas obras foram criticadas e revistas ou se estagnaram como manuais? Ao instrumentalizar as técnicas de entrevistas, houve avanços?

Almejando tais respostas, realizamos um levantamento sobre os artigos acadêmicos mais citados que utilizam o *Manual de História Oral* da autora Verena Alberti, que de acordo com nosso levantamento na base do *Google Scholar* foi a referência mais utilizada entre os anos 2000 e 2020. Como podemos verificar na tabela 2, nas duas últimas décadas, essa obra foi usada por pesquisadores de áreas variadas, entre elas: administração, educação, saúde, psicologia e turismo.

Tabela 2 – Artigos acadêmicos mais citados que utilizam o Manual de História Oral de Verena Alberti

Citações	Autor	Título	Ano	Revista
111	AP Carrieri, EM Souza, ARC Aguiar	Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais	2014	Revista de Administração
73	V Alberti	De "versão" a "narrativa" no Manual de história oral	2012	História oral
64	RCB Varela, FC Oliver	A utilização de Tecnologia Assistiva na vida cotidiana de crianças com deficiência	2013	Ciência & Saúde Coletiva
38	MGF Reis, DMP Camargo	Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH	2008	Psicologia escolar e educacional
32	SMP Alves, MCR Coelho, LH Borges	A flexibilização das relações de trabalho na saúde: a realidade de um Hospital Universitário Federal	2015	Ciência & Saúde
29	VL Fonseca	A capoeira contemporânea: antigas questões, novos desafios	2008	Recorde: Revista de História do Esporte

29	RF de Freitas Mussi, LMPT Mussi	Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades	2019	Revista Sustinere
28	SG Feuerschütte, CK Godoi	Competências de empreendedores hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral	2008	Turismo-Visão e Ação
28	H Santos, P Oliveira, P Susin	Narrativas e pesquisa biográfica na sociologia brasileira: revisão e perspectivas	2014	Civitas-Revista de Ciências Sociais
28	OF Gomes, TR Gomide, MÂN Gomes, DC Araujo	Sentidos e implicações da gestão universitária para os gestores universitários	2013	Revista GUAL

Fonte: Levantamento realizado pelo autor no *Google Scholar*.

Chama atenção, contudo, que entre os dez trabalhos mais citados que utilizaram o manual supracitado, apenas um artigo foi produzido por uma historiadora, a própria Alberti, no qual a autora apresenta uma prévia do que viria a ser a 3^a edição revista e atualizada do Manual de História Oral, publicada em 2013. O número pouco expressivo de publicações na área de humanidade pode-se explicar pelo fato de que no Brasil, as Ciências Humanas têm uma predileção de comunicação de pesquisas e auto-observação a partir do livro (Brasil Jr.; Carvalho, 2020).

Em nosso levantamento, compreendemos que, nas duas últimas décadas, as técnicas da história oral alcançaram novas áreas, assim como têm contemplado novos objetos (vide tabela 2), como esporte, sexualidade, etnia, etc., temas que também são investigados por meio da oralidade nos estudos históricos. Esses se inserem num panorama mais amplo de estudos historiográficos que adotam a metodologia da história oral, tais como Ditadura Militar, movimento estudantil, movimento negro e racismo, os migrantes nordestinos, refugiados no Brasil, história das doenças, gênero (Gomes, 2020).

Nesse sentido, notamos que a história oral, enquanto técnica, passou a ser mais utilizada nas últimas décadas, principalmente porque ela responde melhor às fontes de temáticas do tempo presente. Também é evidente que entre os anos de 2000 e 2020 novos objetos passaram a ser estudados, porém, a partir dos resultados de nossa pesquisa bibliométrica (tabela 2), entendemos que os estudos a partir da oralidade não avançaram no debate sobre as narrativas sociais sobre o passado.

Vale ressaltar que, de acordo com nosso levantamento (tabela 2), apesar da abertura para novos objetos, dentro dos estudos históricos, a história oral não apresentou avanços que mudaram a natureza do debate estabelecido na década de 1990. Entre os dez trabalhos mais citados que utilizaram o Manual de História Oral de Verena Alberti, não houve revisão ou crítica acerca da metodologia proposta, ou seja, essa obra foi única e exclusivamente utilizada como orientação sobre as técnicas para a realização de entrevistas.

Tendo em vista que nossa investigação apresentou como principais resultados os aspectos ligados à metodologia da história oral, cabe então pensarmos quais foram os avanços nas técnicas de entrevistas frente às transformações tecnológicas das últimas décadas. Posto isto, Aberti (2013), uma das principais referências nos estudos em história oral no Brasil apresenta no prefácio da 3^a edição do Manual de História Oral um balanço sobre os avanços da história oral nesses vinte e três anos desde a 1^a edição, publicada em 1990. A autora destaca que:

[...] as principais mudanças continuam dizendo respeito à tecnologia de gravação e preservação das entrevistas, assunto que vem se tornando cada vez mais espinhoso e difícil de acompanhar sem a estreita parceria com

profissionais das áreas de arquivo e tecnologia da informação e comunicação (TIC) (Alberti, 2013, p. 11).

Portanto, seguindo as reflexões da área, que destacam as importantes mudanças nas técnicas de gravação e preservação das entrevistas diante dos avanços tecnológicos e a necessidade de parceria com profissionais das áreas de arquivo e tecnologia da informação e comunicação (TIC), percebemos que podemos almejar avanços metodológicos na história oral, principalmente relacionados à análise qualitativa, ao utilizarmos ferramentas digitais nas pesquisas, assunto ainda caro aos historiadores.

OS HISTORIADORES FRENTE ÀS NOVAS TECNOLOGIAS DE PESQUISA

Quando pensamos em TICs necessariamente associamos ao uso de tecnologias, porém, a utilização destas, associadas aos estudos das Ciências Humanas, trazem hoje uma discussão mais complexa, pois entramos no campo das humanidades digitais.

Desde 2004, quando o termo “humanidades digitais” foi discutido pela primeira vez, várias foram as tentativas de chegar a um consenso sobre sua definição, porém, muitas incertezas e questionamentos persistem atualmente. “Mais do que isso, parecem ter se tornado mais frequentes e problemáticas com o tempo” (Feitler; Ferla; Lima, 2020, p. 113).

Para Maria Ferreira dos Santos, as humanidades digitais aplicadas à História possibilitam novas formas de obter e transmitir conhecimento histórico, mas também desafiam o processo tradicional desta disciplina, proporcionando uma “visão mais globalizante do passado, através de uma maior exploração dos dados e contexto por diferentes utilizadores, e uma interpretação de dados históricos num contexto digital que permite cruzar os dados de uma forma mais abrangente” (Santos, 2020, p. 1).

Embora a “classificação e sistematização de arquivos digitais, criação e utilização de software de análise textual, web semântica”(Brasil Jr.; Carvalho, 2020, p. 150), sejam questões discutidas no interior das humanidades digitais, entre os estudiosos há uma compreensão de que as tecnologias digitais proporcionam novas formas de interpretação dos documentos históricos, que extrapolam os métodos tradicionais, que se desenvolvem “sobretudo na habilidade interpretativa de cada pesquisador e seu treinamento na leitura cerrada de cada documento” (Brasil Jr.; Carvalho, 2020, p. 150). Os autores apontam que uma integração entre as novas tecnologias informacionais e a análise hermenêutica potencializam as análises tanto quantitativas quanto qualitativas.

Mesmo diante de interessantes possibilidades, Daniel Alves (2016) afirma que esta é uma área em desenvolvimento, na qual os investigadores pertencentes a áreas distintas que normalmente pouco comunicam entre si se veem parte de uma “comunidade de práticas”. Essa falta de comunicação entre as diferentes áreas apontada por Alves é evidente na área da História, pois a partir dos diálogos entre os historiadores e os pesquisadores das humanidades digitais, desde a década de 1990, propiciou-se o florescimento da História Digital na Europa e nos Estados Unidos, entendida como uma espécie de “sucessora” das *digital humanities*.

Essa discussão chega ao Brasil apenas em 2014, através da historiadora Anita Lucchesi, que em sua dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta um estudo sobre o debate e a formação da “história/historiografia digital”, no qual a autora define como novas possibilidades de escrita da história, inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente e é divulgada na rede (Lucchesi, 2022).

Pedro Telles da Silveira (2021) e Lucchesi (2022) concordam que a História Digital ainda busca definições, problema que deriva de sua pluralidade, no entanto, ambos

entendem ser necessário a Academia se aproximar do mundo digital, pois as transformações tecnológicas causam impactos para além do surgimento de um conceito, campo, método ou disciplina.

De fato, o debate sobre a História Digital tem gerado discussões importantes nos espaços acadêmicos brasileiros, como por exemplo a publicação do Dossiê "História global e digital: novos horizontes para a investigação histórica" na Revista Esboços do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Os artigos publicados demonstram as preocupações e os problemas mais amplos na relação entre a historiografia e as tecnologias digitais (Lucchesi; Silveira; Nicodemo, 2020).

Diante do exposto, compreendemos que a relação entre os pesquisadores e as tecnologias digitais são inevitáveis. Prova disso são as discussões brevemente apresentadas neste texto, tanto nas Ciências Humanas quanto de forma específica na História. É fato que pesquisadores brasileiros têm gerado reflexões relevantes sobre Humanidades Digitais e História Digital, entretanto, entendemos destes serem debates de maior complexidade que fogem do nosso objetivo inicial. Porém, muito nos interessa um ponto de intersecção entre as humanidades digitais e a historiografia digital, o uso de ferramentas digitais no ofício dos historiadores. Dito isso, é importante destacar que usar apenas um *software* relacionado ao objeto de estudo não quer dizer que se tenha feito humanidades digitais (Rollo, 2020).

É inegável que o uso de programas facilita o trabalho do pesquisador, que pode analisar uma grande quantidade de dados, mas isso seria o suficiente para avançar no debate historiográfico sobre a história oral? Será que apenas o uso de ferramentas digitais poderia mudar a natureza do trabalho com a oralidade?

Autores como Juán Bresciano (2015) e Serge Noiret (2015) argumentam que, hoje em dia, são necessárias novas metodologias e formas de interpretações, tendo em vista que as fontes atuais estão digitais, assim como parte da vida social e da produção cultural.

Sendo assim, entendemos que existem possibilidades de avanços ao relacionarmos os desafios aqui já expostos sobre a história oral com o uso de novas tecnologias, por exemplo, combinando o trabalho que utiliza a oralidade como fonte documental com softwares que potencializam a interpretação de dados, como o Nvivo², uma das ferramentas digitais mais utilizadas para análises qualitativas de entrevistas no mundo.

OS USOS DO SOFTWARE NVIVO EM PESQUISAS BRASILEIRAS

De acordo com Valesca Ames, as ferramentas informacionais de análise qualitativa, definidas pelo uso do termo CAQDAS (*Computer-aided qualitative data analysis software*), “desenvolveram-se em meados da década de 1980, através do trabalho conjunto realizado por cientistas sociais e especialistas em computação com o objetivo de auxiliar no trabalho de análise de dados não numéricos e não estruturados” (Ames, 2013, p. 231). A autora destaca o Nvivo como um dos softwares mais utilizados pelos cientistas sociais no Brasil, pois ele permite “a organização do material, a codificação do mesmo através de categorias pensadas durante o desenvolvimento da pesquisa e a geração de cruzamento entre categorias” (Ames, 2013, p. 231). Ou seja, essa ferramenta passa a ser muito útil principalmente em pesquisas qualitativas com grande volume de dados a serem analisados, agilizando e facilitando a análise do material de pesquisa.

Entretanto, quando pesquisamos publicações relacionadas ao Nvivo na base do Scielo, filtrando apenas publicações no Brasil em português, percebemos que de fato esse

² Software que foi desenvolvido na Universidade de La Trobe, na Austrália, e é propriedade da empresa QSR Internacional (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020, p. 952).

software é bastante utilizado por pesquisadores brasileiros, mas vale destacar que quando analisamos os números em relação a *Scielo Áreas Temáticas* há um predomínio de artigos das Ciências da Saúde, no total de sessenta e dois, seguido pela área da Ciências Humanas com apenas vinte trabalhos. Ao refinarmos essa busca, quando ponderarmos o *WoS Áreas Temáticas*, identificamos que a Enfermagem conta com trinta e quatro publicações, já a Sociologia apresenta apenas seis artigos, enquanto na História não consta nenhum. Esses resultados apresentam dados para uma reflexão sobre a relação entre as Ciências Humanas e o uso de ferramentas digitais.

Assim, é notável que pesquisadores brasileiros de outras áreas do conhecimento como a Saúde e Educação utilizam programas para o trabalho com a oralidade há algumas décadas; entretanto, percebemos que entre os historiadores brasileiros não é comum utilizar-se softwares em conjunto com a história oral.

Entre os artigos publicados em revistas acadêmicas brasileiras, cujo autores utilizaram de alguma maneira o software *Nvivo* em trabalhos com a oralidade, percebemos que uma parcela considerável utilizou esse programa para auxiliar na sistematização de dados e na análise das entrevistas, porém, ressaltamos que nesse levantamento bibliográfico não tivemos nenhum resultado da área da História. Então, reforçamos a hipótese de que essa ferramenta tem sido muito utilizada no trabalho com as fontes orais em diversas áreas do conhecimento e pode ser muito útil para os historiadores. Desta forma, nos textos que discutiremos a seguir, nos atentamos principalmente às questões metodológicas a fim de refletir sobre as possibilidades que o uso de uma ferramenta digital pode trazer para possíveis avanços da história oral.

Desta forma, Maria Campos Lage (2011), da área de Ciências Sociais Aplicadas, contribui para o debate ao apresentar em seu trabalho uma análise da utilização do *Nvivo* em pesquisas qualitativas relacionadas ao Ensino a Distância (EaD). Lage destaca que um dos recursos mais úteis para a análise dos dados foi a geração de gráficos, pois possibilitou uma avaliação visual do resultado das codificações. “O *Nvivo* possui algumas opções de formatação, em duas e três dimensões, permitindo realizar diferentes cruzamentos de dados” (Lage, 2011, p. 213). Então, essa ferramenta potencializa o trabalho do pesquisador, porém, a autora defende que o uso do *software* em si não altera qualidade da pesquisa, o sucesso da análise está muito atrelado à qualidade dos dados e à “adequação dos procedimentos metodológicos ao problema a ser investigado, além da experiência do pesquisador” (Lage, 2011, p. 224).

Em 2016, os autores Maykon dos Santos Marinho (enfermagem) e Luciana Araújo dos Reis (fisioterapia), ambos da área da Saúde, apresentaram um artigo com os resultados de sua pesquisa sobre gerontologia. A partir de entrevistas, eles buscaram analisar as memórias e compreender as identidades dos idosos longevos. De acordo com Marinho e Reis (2016), devido a grande quantidade de informações obtidas nas entrevistas, foi necessário o uso de uma ferramenta computacional, o *Nvivo*. Dentre os recursos disponíveis, eles destacaram a técnica da “nuvem de palavras”:

Essa técnica pode ser compreendida como uma forma de visualização de dados linguísticos, que mostra a frequência com que as palavras aparecem em um dado contexto. As palavras aparecem com tamanhos e fontes de letras diferenciadas de acordo com as ocorrências daquelas no texto analisado. O conjunto dessas palavras gera uma imagem e aquela que tem maior frequência aparece no centro da imagem, e as demais, em seu entorno, de modo decrescente (Marinho; Reis, 2016, p. 247-248).

Os autores destacam que em posse da nuvem de palavras e dos dados codificados, iniciou-se uma última etapa do tratamento dos dados, no qual eles articularam o material empírico e o referencial teórico para potencializar os resultados de análise (Marinho; Reis, 2016).

As autoras Danielle de Andrade, Elisabeth Schmidt e Fabiana Montiel (2020) da área de Educação Física, discorrem sobre o uso do *Nvivo* como ferramenta auxiliar no processo de organização e sistematização das informações durante o percurso metodológico da Análise Textual Discursiva. Elas destacam os recursos que possibilitam ao pesquisador criar matrizes de codificação, gráficos, análise de cluster, diagrama de comparação, “assim como permite a classificação de casos e criação de conjuntos, entre outras ferramentas disponíveis no software” (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020, p. 967).

O *Nvivo* ainda possibilita a consulta de frequência de palavras, a busca de termos em texto, relacionamento dos materiais disponíveis no projeto, representação de gráficos e diagramas, assim como a exportação de documentos, como por exemplo, um nó criado, as codificações e as anotações realizadas, além da exportação de imagens geradas a partir de outros recursos (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020, p. 952).

Para Andrade, Schmidt e Montiel, outro ponto favorável para o uso deste programa é a disponibilidade no idioma da língua portuguesa. Elas também destacam que o layout é muito próximo aos encontrados nos sistemas operacionais para computadores que habitualmente utilizamos. Por outro lado, elas entendem como desvantagens o custo para a aquisição do software e a escassa produção de materiais e tutoriais sobre a utilização do software (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020).

Embora o *Nvivo* ofereça muitos recursos para quem trabalha com entrevistas, as autoras reforçam que o programa não substitui o papel do pesquisador, pois exige uma organização do material em eixos temáticos ou outras formas de categorização, assim como continua sendo necessário uma leitura analítica acerca das informações. O fato é que o uso dessa ferramenta potencializa os resultados através do aumento do alcance e da profundidade da análise (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020). “Enfatizamos, mais uma vez, que o software, por si só, não realiza a análise, porém auxilia o/a pesquisador/a na organização dos seus materiais em um único espaço” (Andrade; Montiel; Schmidt, 2020, p. 968).

Também na área da Educação Física, o artigo dos autores Edvaldo Pedroza Júnior, Marcos Costa, Vilde Menezes, Henrique Kohl e Esdras Melo (2020) teve como objetivo discorrer sobre a história de vida de ex-jogadores profissionais de Pernambuco. Para tanto, investigaram sobre a formação acadêmica e a formação esportiva na vida desses esportistas. Deste modo, eles entrevistaram onze ex-atletas profissionais que atuaram em pelo menos um dos grandes clubes do estado, assim, escolheram como metodologia a História Oral de Vida (Costa *et al.*, 2020).

Os pesquisadores apontam que após alimentar a ferramenta digital com os dados coletados, eles descobriram núcleos de sentidos contidos na fala dos entrevistados, considerando, além da frequência de aparição de palavras, os significados contidos nas ideias apresentadas. Segundo eles, “depois de feita a exploração do material (codificação, classificação e categorização dos dados), fizemos alocações com trechos de entrevistas concedidos pelos participantes da pesquisa” (Costa *et al.*, 2020, p. 03-04). Em seguida, com a criação de um gráfico, no formato de nuvens de palavras, os autores puderam realizar uma análise mais aprofundada dos depoimentos.

Logo, nos trabalhos supracitados, foi notável que todos utilizaram como aporte metodológico os manuais de história oral produzidos por historiadores já consagrados. Assim sendo, esses artigos de diferentes áreas do conhecimento apresentaram resultados de pesquisa a partir da apropriação das técnicas de entrevista e análise de acordo com suas áreas. Embora todos tenham utilizado as técnicas da história oral, não era o objetivo de nenhum destes autores aprofundar a discussão sobre essa metodologia.

Embora tenha sido recorrente a afirmação de que o *software* em si não substitui o trabalho do pesquisador, é inegável que o uso de uma ferramenta digital altera a forma de realizar a pesquisa, possibilitando tanto avanços quantitativos quanto qualitativos.

Nessa discussão, a partir de estudos que utilizaram o *Nvivo*, não localizamos artigos que trataram especificamente da história oral ou de narrativas memoriais. Ainda que os textos discutidos em nosso levantamento tenham conciliado o trabalho com a oralidade e o uso deste *software*, a ampla maioria não é de pesquisadores das Ciências Humanas. Assim, podemos constatar que as áreas das humanidades que trabalham com a oralidade têm uma baixa aceitação do uso de tecnologias digitais em suas análises. Desta forma, o estudioso da enfermagem, por exemplo, usa a ferramenta digital para facilitar a técnica; então, por que o historiador que trabalha com a história oral não utiliza essas ferramentas? Uma possível justificativa seria que os trabalhos que utilizam depoimentos orais como fontes podem, por vezes, se limitar a um número pequeno de entrevistados.

De fato, quanto maior o número de depoentes, maior a quantidade de dados produzidos para análise e, se feita manualmente, torna-se inviável. Nesse caso, uma das vantagens do uso de softwares é a possibilidade de sistematizar um número bem mais amplo de dados, possibilitando pesquisas mais aprofundadas que busquem entender como o discurso da memória é produzido. Vale destacar que, além dessas funções apresentadas anteriormente, o *Nvivo* e diversas ferramentas proporcionam a automatização da transcrição de entrevistas, o que significa outro considerável ganho de tempo.

O NVIVO APLICADO À HISTÓRIA ORAL: UM RELEITURA METODOLÓGICA

Colocamos em questão o pressuposto de que o uso do *software* não se justifica porque os historiadores não utilizam uma grande quantidade de depoimentos. Para refutar esse argumento equivocado, realizamos um teste com a ferramenta *Nvivo*, utilizando as transcrições de entrevistas realizadas para nossa dissertação de mestrado (Victorasso, 2015) – que originalmente não contou com o uso de um *software* de análise. Essa pesquisa de mestrado abordou a folia de Reis, folguedo com características do sagrado e do profano, um dos festejos religiosos mais populares no estado de São Paulo. Vale destacar que o texto atual não tem como objetivo discutir a temática das festas, mas abordar a metodologia da história oral. Nesse sentido, desenvolvemos uma releitura a partir dos aspectos metodológicos da dissertação, ou seja, uma revisão dos nossos dados através do uso de uma ferramenta digital.

No decorrer do trabalho supracitado, foram investigadas a trajetória, as variações e permanências nas práticas e representações da Companhia de Reis Fernandes, do município de Olímpia, durante o período de transição das atividades do espaço da zona rural para a zona urbana, entre os anos de 1964 a 2014.

A partir da análise dos documentos, sobretudo as fontes orais, concluímos que essa prática cultural ocorre num município, cuja administração pública, desde a década de 1960 tem se preocupado com a preservação de grupos folclóricos. Consequentemente, foram criadas instituições que forneciam incentivos financeiros com verbas públicas e privadas,

em contrapartida, esses grupos locais participavam de um evento anual, o Festival do Folclore de Olímpia (Victorasso, 2015).

Para os foliões da Companhia estudada, apresentar-se no Festival não tem o mesmo significado do giro realizado durante o ciclo natalino, mas há benefícios financeiros - permite troca de vestimentas e reformas nos instrumentos - e religiosos - execução da festa da Chegada da Bandeira, após o dia do Reis. Embora nem todos os foliões do grupo abordado façam parte da família Fernandes, os familiares foram os principais responsáveis pela continuidade do grupo. Dentre as conclusões principais, destacamos duas. Primeiramente, esta manifestação está inserida no denominado catolicismo tradicional brasileiro que tem como principal característica as raízes vinculadas ao espaço rural do município, que não depende de um membro oficial da Igreja. Por segundo, vale apontar o aspecto familiar presente nessa religiosidade, pois esse tipo de devoção é transmitida de pai para filho, de geração para geração.

Nos parágrafos anteriores foram apresentados alguns resultados de nossa dissertação de mestrado, os quais foram constatados a partir da metodologia da história oral, no entanto, uma análise desenvolvida em sua forma tradicional. Todavia, em nosso teste, realizamos uma releitura dos depoimentos utilizados anteriormente, chegando então a dados adicionais à pesquisa anterior e a novas interpretações do conteúdo.

De acordo com a experiência realizada, mesmo quando trabalhamos com poucas entrevistas, o uso de um software de análise de dados pode ampliar o poder de análise. Assim como apontado na bibliografia de referência, o uso do software Nvivo se mostrou bastante intuitivo e suas diversas funções abrem um leque de possibilidades para a organização e sistematização dos dados coletados ao longo da pesquisa. Após importar as transcrições das entrevistas criamos sete códigos com títulos relacionados a alguns temas que buscamos aprofundar a leitura - "Festival de Folclore"; "Jornada o Giro"; "Origens"; "Poder público"; "Religião"; "Perspectivas"; "Estrutura do festejo" (que teve um subitem "Palhaço ou Fardado"). A partir da leitura das entrevistas foi possível inserir trechos específicos em seus respectivos códigos, assim como a criação de novos códigos e subcategorias. Esses códigos são categorias de análises que observamos em nossos documentos e podem ser cruzados com outros dados de acordo com as escolhas do pesquisador.

Vale apontar que, além de importar e codificar os dados, atividades que desenvolvemos em nosso teste, também pode-se criar casos, notas (memos e anotações), gerar classificação de arquivos por atributos (idade, gênero, emprego), sendo assim, quanto mais dados e classificações forem criadas, mais variada é a gama de opções de cruzamentos e visualizações possíveis. Com os dados sistematizados, cabe ao pesquisador escolher quais os tipos de consultas que serão realizadas, que poderão ser visualizadas em gráficos, mapas mentais e diagramas de cluster. Todas as buscas podem ser executadas apenas uma vez ou também serem salvas no projeto para visualizações posteriores.

O software conta com um assistente de consultas que nos permite optar por procurar onde os termos, isolados ou combinados, ocorrem no conteúdo. Em nosso teste, analisamos apenas nove entrevistas e, embora seja uma quantidade pequena de entrevistados, foi gerado um volume denso de dados, com cerca de uma centena de páginas.

Primeiramente, optamos por buscar a palavra “família” nessa massa documental e em questão de segundos obtivemos informações de quantas vezes isso foi citado pelos depoentes e qual a percentagem de cobertura desse termo na fala de cada pessoa. Vale apontar que em nossa pesquisa original foi apontado que a família era um dos fatores que mais contribuíram para a manutenção desse grupo, no entanto, é interessante que no

resultado de nossa busca os dois principais líderes desta companhia foram os que menos falaram sobre família, com 0,03% de cobertura sobre o tema, ambos ocuparam a função de mestre da Companhia de Reis, um destes, filho do patriarca que criou o grupo.

Em nossa pesquisa original o “folclore” foi visto como algo secundário para a continuidade desta folia de reis, porém, na fala do folião supracitado, filho do fundador da Companhia, este termo aparece com 0,24% de cobertura sobre o tema. Essa rápida busca nos traz a compreensão de que, embora para o grupo a folia seja uma herança de família e deve ser continuada em memória do patriarca, a figura principal, responsável por liderar a continuidade do grupo, dá uma grande importância para o folclore, tendo em vista que a existência de um Festival de Folclore no município em que eles atuam proporciona verbas que são de extrema relevância para a sobrevivência desse festejo.

Outra opção que testamos foi a busca por termos que aparecem com mais frequência em nosso corpo documental. Antes de realizar a pesquisa foi possível delimitar nos filtros a quantidade e o comprimento das palavras; neste caso, a escolha se deu pelas cem mais frequentes e com um mínimo de quatro letras. Nos filtros também é possível solicitar uma busca por palavras exatas ou termos da mesma origem. Por último, foi escolhido o local de consulta, que poderia ser delimitado a algum código específico ou em todos os arquivos. Decidimos pela última opção.

Após gerar o resultado, ainda foi necessário incluir algumas palavras na lista de impedidas, como as interjeições, por exemplo. Feito isso, realizamos uma nova busca que já excluía as palavras que consideramos indesejadas.

Como produto, tivemos uma contagem e um percentual ponderado e, de acordo com a interpretação do pesquisador, pode-se criar novos códigos e categorias de análise que podem ser visualizados de diferentes formas. Nossa primeira visualização foi no formato nuvem de palavras, a qual exportamos do *Nvivo* para o *Word* e apresentamos a seguir.

Nuvem de palavras – As palavras mais frequentes

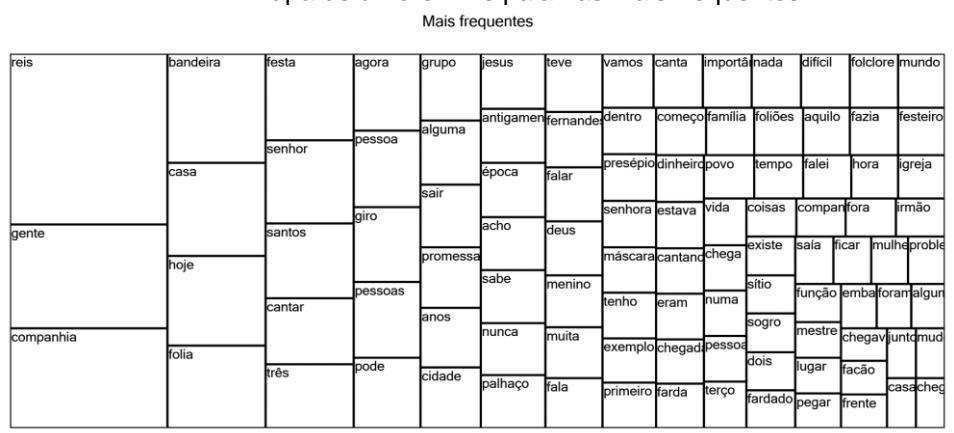


Fonte: Levantamento realizado pelo autor no *Nvivo*.

O mapa de palavras apresenta em fontes maiores e centralizados os termos mais recorrentes nas nove entrevistas. É inegável que a palavra "Reis", que faz referência aos santos que são cruciais para existência das folias, seja a mais citada, no entanto, podemos visualizar o quanto outros elementos como a "bandeira" e "Companhia" são importantes para essas pessoas, enquanto o folclore quase não tem destaque. Já o termo "família", que teve destaque na pesquisa original, nessa análise, aparece como pouco relevante. A partir

dessa busca, foi possível ainda criar outra forma de visualização do mesmo resultado, um mapa de árvore.

Mapa de árvore – As palavras mais frequentes



Fonte: Levantamento realizado pelo autor no Nvivo.

No mapa de árvore podemos observar, por exemplo, o quanto os termos reis e bandeira ocupam espaço nas falas dos foliões em comparação ao ocupado por Deus, Jesus e Igreja. Isso nos apresenta que, embora se trate de uma festividade cristã, os reis magos, para estas pessoas, são os elementos centrais para sua fé e devoção, ou seja, aqui é quantificada a relação entre o catolicismo tradicional e catolicismo oficial.

Diante do exposto, vimos duas possibilidades de buscas a partir da massa documental sistematizada, porém, vale a pena destacar outras opções que o software proporciona, que não utilizamos em nosso teste. O assistente de consulta também tem como opção realizar a pesquisa no conteúdo com base em como ele está codificado ou selecionar o respondente desejado, assim como encontrar interseções de codificações entre duas listas de dados, ou seja, cruzando informações (dados vs atributos). Outra função que pode ser explorada é a análise de sentimentos, na qual visualizamos os aspectos positivos e negativos nas falas dos entrevistados.

Também destacamos a possibilidade de trabalho em equipe, que possibilita várias pessoas colaborarem com um mesmo projeto, assim, em rede, os usuários podem inserir novos dados e gerar diferentes análises. Além do trabalho colaborativo, o Nvivo também permite a integração com outras ferramentas usadas no cotidiano do pesquisador, como o *Outlook*, *Word* e *Excel*.

Por fim, concluímos que o uso desse programa proporciona importantes avanços nas análises de dados, pois, além de criar facilidades em relação à organização e gestão da documentação referente a pesquisa, permite uma busca em grandes volumes de dados, possibilitando novas formas de análise, tanto no que tange ao qualitativo quanto ao qualitativo. Enfim, com o mesmo número de entrevistas, esses dados intermediados pela ferramenta digital possibilitam ganho de tempo e uma análise mais aprofundada e novos olhares a partir das mesmas fontes históricas.

Portanto, esta ferramenta digital que exploramos ao longo do texto pode contribuir para o debate historiográfico em relação ao trabalho com a oralidade, não pelo uso do software em si, mas, como observamos em outras áreas do conhecimento, além de ampliar e diversificar os objetos de pesquisa, promoveram uma instrumentalização das técnicas da história oral, fato que pode ser muito útil para gerar análises mais globalizantes. Mas, em que ponto os novos recursos que permitem essa amplitude podem oferecer avanços para o estudioso de oralidade?

Nesta reflexão que propomos não encontramos respostas concretas para nossa problemática, contudo, abrimos um campo de possibilidades. Talvez, o uso da história oral em massa com o auxílio das novas tecnologias de pesquisa possa potencializar o resgate de uma memória social, assim, essa quantificação nos possibilitará trabalhar com novos dados e agrupamentos que não teríamos manualmente. Quem sabe o avanço no debate da história oral esteja na busca por novas formas de se fazer a pesquisa, ou seja, são alterações metodológicas para obtermos novas informações que não tínhamos antes na pesquisa a partir da oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros trabalhos que utilizaram a história oral na década de 1950, percebemos que os avanços na história oral se deram principalmente na inclusão de novos objetos de pesquisa, trazendo para o debate historiográfico temáticas importantes para as análises das narrativas sociais. Além disso, destacamos que, após décadas de militância pela história oral, nos anos 2000 o movimento chegou a um ponto de estabilidade, alcançando seu espaço tanto na Academia quanto nas várias instituições criadas.

Desta forma, nossa análise bibliométrica, a partir de publicações relacionadas a história oral entre os anos 2000 e 2020, nos permitiu compreender que os pesquisadores da oralidade continuaram acompanhando as principais pautas de cada contexto histórico, sendo assim, novos objetos passaram a ser estudados nesse período. Contudo, entendemos que estes estudos não avançaram significativamente no debate sobre as narrativas sociais sobre o passado, ou seja, a discussão sobre a história oral encontra-se estagnada desde os 2000.

De acordo com as reflexões mais atuais na história oral, existe uma necessidade de avançar em relação às técnicas de entrevista e de análise de dados, ou seja, a metodologia, pois, nas últimas décadas houve um avanço significativo das TICs e a difusão de estudos das humanidades digitais e da História Digital. Nesse sentido, os historiadores neste período aproximaram-se dessas novas temáticas, no entanto, na prática, existe resistência quanto às mudanças relacionadas ao uso da tecnologia.

Partindo da reflexão proposta ao longo do texto, compreendemos que houve uma expansão do uso da técnica da história oral em outras áreas que avançaram ao conciliar o uso da técnica com as possibilidades das ferramentas digitais. Porém, percebemos que nas Ciências Humanas existe uma fragilidade quanto a utilização desses softwares, com exceção da Sociologia, embora em número bastante inferior comparado a outras áreas.

Utilizamos como exemplo o uso do software *Nvivo*, uma das ferramentas digitais mais utilizadas para análises qualitativas de entrevistas no mundo. Em nosso levantamento bibliográfico encontramos artigos de diversas áreas do conhecimento, mas, não obtivemos resultados da área da História. As pesquisas que utilizaram essa ferramenta digital notavelmente potencializaram as análises das fontes orais, transformando as entrevistas em estatísticas, por exemplo. Vale ressaltar que, em nossa busca, não localizamos textos que trataram especificamente da história oral ou de narrativas memoriais.

Entendemos que, possivelmente, ao instrumentalizar/operacionalizar as técnicas da história oral a partir dos softwares, como vimos nas diferentes áreas do conhecimento, esta pode ter perdido questões que são próprias da constituição da área, assim, entendemos que a ferramenta se torna mais que a questão em si. Logo, pensamos que os historiadores que pretendem avançar nas discussões sobre oralidade e memória podem avançar ao retomar algumas questões de essência da sua disciplina, ou seja, trabalhar com as

narrativas sociais do passado, assim como, formular suas pesquisas em consonância com as novas tecnologias de pesquisa.

Nesse sentido, apresentamos algumas reflexões a partir de testes realizados com o software Nvivo, no qual utilizamos entrevistas coletadas em nossa pesquisa de mestrado, realizada anteriormente sem o uso de programas de análise de conteúdo. Ao sistematizar os dados, passamos a ter uma visão mais ampla dos materiais a serem analisados, pois todos estavam em uma mesma plataforma, fato que possibilitou o cruzamento de informações e geração de diferentes formas de visualizações dos resultados, ou seja, obtivemos novos aspectos analisados com o mesmo corpo documental.

Percebemos que o uso dessa ferramenta potencializa a pesquisa com as fontes orais, pois, além de acelerar o processo de análise, também possibilita quantificar automaticamente os dados, fato este que abre a perspectiva de trabalhar com grandes volumes de depoimentos. A quantificação gera novas informações que não existiriam caso se tratasse de um trabalho manual, assim, avançamos ao propor alterações metodológicas a partir da relação entre oralidade e ferramentas digitais.

Então, a princípio, constatamos que a história oral não apresentou avanços que alteraram a natureza do debate estabelecido na década de 1990 e, mesmo compreendendo que os historiadores, ao longo das duas últimas décadas exploraram novos temas, entendemos que estes não trouxeram novidades em termos de análise. Por fim, percebemos que uma possibilidade para contribuir com o debate em história oral esteja nos aspectos metodológicos, pois, ao promovermos a instrumentalização das técnicas ao utilizarmos a tecnologia por meio de ferramentas digitais, poderemos gerar análises mais globalizantes. Quem sabe, o uso das fontes orais em massa, com o auxílio das ferramentas digitais, seja uma maneira de potencializar o resgate de uma memória social.

Afinal, vimos que pesquisadores de outras áreas do conhecimento têm apresentado resultados interessantes em suas pesquisas ao integrarem as novas tecnologias às suas metodologias, potencializando assim os seus resultados.

Seria muita pretensão afirmar que, de alguma maneira, estamos próximos de mudar a natureza da história oral. No entanto, ao utilizarmos a oralidade com o intermédio de softwares que ampliam a análise de dados, tanto quantitativamente quanto qualitativamente, podemos avançar o debate sobre história oral. Desta forma, podemos pensar na tecnologia como um material substantivo para transformar a forma de fazer pesquisa em História. Enfim, a relação entre a oralidade e as novas tecnologias de pesquisa proporciona mudanças metodológicas em que a ferramenta muda a forma de realizar a análise e, consequentemente, surgem novas formas de interpretação dos documentos históricos que extrapolam os métodos tradicionais.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALVES, D. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler história**. Lisboa, n. 69, p. 91-103, 2016.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AMES, V. D. B. As possibilidades de uso do software de análise qualitativa Nvivo. **Sociologias Plurais**. Curitiba, v. 1, n. 2, p. 230-247, 2013.
- ANDRADE, D. M.; MONTIEL, F. C.; SCHMIDT, E. B. Uso do software Nvivo como ferramenta auxiliar da organização de informações na Análise Textual Discursiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo, v. 8, n. 19, p. 948-970, 2020.

- BRASIL JR., A.; CARVALHO, L. Por dentro das Ciências Humanas: um mapeamento semântico da área via base SciELO-Brasil (2002-2019). **Revista de Humanidades Digitales**. Madrid, v. 5, p. 149-183, 2020.
- BRESCIANO, J. A.; GIL, T. L. (eds.) **La historiografía ante el giro digital: reflexiones teóricas e prácticas metodológicas**. Buenos Aires: Ediciones Cruz del Sur, 2015.
- FEITLER, B.; FERLA, L. A. C.; LIMA, L. F. S. Novidades no front: experiências com Humanidades Digitais em curso de História na periferia da Grande São Paulo. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 111-132, 2020.
- GOMES, Angela de C. **História Oral e historiografia: questões sensíveis**. São Paulo: Letra e Voz, 2020.
- HARZING, Anne-Will. *Publish or Perish*. Disponível em: <<https://harzing.com/resources/publish-or-perish>>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- LACERDA, C. C. O.; MELLO, S. C. B. Se essa rua fosse minha eu mandava ladrilhar: conflitos sociais no organizar do espaço urbano e a luta pela significação entre discursos e [r]existência. **Revista Organizações & Sociedade**. Salvador, v. 27, n. 95, p. 787-819, 2020.
- LAGE, M. C. Utilização do software Nvivo em pesquisa qualitativa: uma experiência em EaD. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 12, n. esp., p. 198-226, 2011.
- LUCCHESI, Anita. **Digital History e Storiografia Digitale: Estudo Comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)**. Recife: Editora Universidade de Pernambuco-EDUPE, 2022.
- LUCCHESI, Anita; SILVEIRA, Pedro T. da; NICODEMO, Thiago L. Nunca fomos tão úteis. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 161-169, maio/ago. 2020.
- MARINHO, M. S.; REIS, L. A. Reconstruindo o passado: memórias e identidades de idosos longevos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 243-264, 2016.
- MARINHO, M. S.; REIS, L. A. Velhice e aparência: a percepção da identidade de idosas longevas. **Revista Kairós Gerontologia**. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 145-160, 2016.
- NOIRET, S. História Pública Digital. **Digital Public History. Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, 28 maio 2015.
- PEDROZA Jr., E. T. et al. História de vida de ex-jogadores profissionais de futebol em Pernambuco: formação acadêmica versus formação esportiva. **Movimento**. Porto Alegre, v. 26, p. 01-14, 2020.
- ROLLO, M. F. Desafios e responsabilidades das humanidades digitais: preservar a memória, valorizar o patrimônio, promover e disseminar o conhecimento. O programa Memória para Todos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 19-44, 2020.
- SANTOS, M. J. F. Reconstruir histórias da conservação da natureza na Califórnia: 1850-2010. **DHQ: Digital Humanities Quarterly**. Boston, v. 14, n. 2, p. 1-9, 2020.
- SILVEIRA, Pedro T. da et al. Quais os limites da História Digital em um país marcado pela exclusão e pela desigualdade social? In: ALMEIDA, Juniele R. de; RODRIGUES, Rogério R. (orgs.) **História Pública em movimento**. São Paulo: Letra e Voz, 2021, p. 61-88.
- VICTORASSO, Pedro H. **A folia de reis da Companhia de Reis Fernandes em Olímpia/São Paulo (1964-2014): entre o sagrado e o profano**. 2015. 169f. Dissertação (Mestrado em História). UNESP, 2015.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Pedro Henrique Victorasso: Mestre em História e Sociedade e doutorando em História e Cultura Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).



Eduardo Romero de Oliveira: Livre-docente em Patrimônio Cultural pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Associado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, na graduação (UNESP, campus de Assis), no Programa de Pós-Graduação de História Social (UNESP/FCL, campus de Assis) e Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (UNESP/FAAC, campus de Bauru).

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de História. Unesp - Campus Assis - Av. Dom Antônio, 2100 - Parque Universitário, Assis - SP, 19806-900, Brasil

ORIGEM DO ARTIGO

Extraído de resultados parciais da pesquisa de doutorado em andamento intitulada *Novos olhares sobre o Patrimônio Industrial Ferroviário - Cultura e Sociedade na Vila de Paranapiacaba (1946-1981)* sob a orientação do professor doutor Eduardo Romero de Oliveira no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) - Processo: 2021/08597-2.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: P.H. Victorasso; E. R. de Oliveira.

Coleta de dados: P.H. Victorasso

Análise de dados: P.H. Victorasso

Discussão dos resultados: P.H. Victorasso; E. R. de Oliveira.

Revisão e aprovação: E. R. de Oliveira.

FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) – Bolsa de doutorado - Processo: 2021/08597-2.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Nenhum conflito de interesse foi relatado.

DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

PREPRINT

O artigo não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Pedro Henrique Victorasso e Eduardo Romero de Oliveira. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITOR

Jo Klanovicz

HISTÓRICO

Recebido em: 24 de agosto de 2023

Aprovado em: 18 de dezembro de 2023

Como citar: VICTORASSO, Pedro H.; OLIVEIRA, Eduardo R. de. História oral e ferramentas digitais: novas possibilidades no trabalho com a oralidade. *Esboços*, Florianópolis, v. 31, n. 56, p. 36-55, 2024.

